A solidão na novela "Tanta gente, Mariana", de Maria Judite de Carvalho

Keli Risuenho MORAES[1]

Sérgio Wellington Freire CHAVES[2]

Resumo: A solidão é uma experiência humana que não faz distinção entre suas vítimas, atingindo inúmeras pessoas, de diversas idades, em diferentes épocas e lugares. E devido a isso, tem sido continuamente explorada na produção literária. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar esse tema na novela "Tanta gente, Mariana" (1959), de Maria Judite de Carvalho. Quanto à metodologia, este estudo é conduzido por meio de pesquisa bibliográfica, de caráter analítico da obra, de maneira crítico-reflexiva e tem como fundamentação teórica Freitas (2011), Gancho (2002), Pinheiro e Tamayo (1984), Cova e Pinto (1997), entre outros. Nos resultados, demonstra-se através de fragmentos da obra, o sentimento de isolamento que acompanha a protagonista Mariana e reflete-se sobre as causas que a levaram ao estado de extrema solidão.

Palavras-chave: Análise Literária; Literatura Portuguesa; Século XX.

Introdução: a escritora e sua obra

Maria Judite de Carvalho, embora seja amplamente reconhecida como escritora em Portugal e em outros países, parece ser ainda pouco conhecida pelo público brasileiro. O conhecimento acerca de sua literatura restringe-se à análise de poucas obras diante de seu rico acervo. Por isso, no intuito de contribuir para os estudos de sua obra, este trabalho pretende discorrer sobre a novela "Tanta, gente Mariana" (1959), que compõe o livro de mesmo nome. Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é analisar a solidão na obra supracitada, explorando como esse sentimento, que permeia a vivência da protagonista, resulta de suas relações sociais, familiares e conjugais. Além disso, será investigado como a solidão é intensificada pelo contexto histórico e social em que a personagem principal está inserida. No entanto, inicialmente será traçado um breve percurso literário desse importante nome da literatura portuguesa do século XX.

A referida escritora teve seu primeiro texto, *O campo de mimosas* (1949), publicado na *Revista Eva* em Lisboa. Em 1953, tornou-se correspondente na mesma revista, colaborando com as *Crônicas de Paris*. No entanto, foi a publicação de *Tanta gente, Mariana* (1959), um livro composto por uma novela e sete contos, que fortaleceu sua carreira, expandindo-a para

[1] Graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa, Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará. E-mail: risuenho220@gmail.com

[2] Doutor em Letras e Professor de Teoria Literária do Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: sergiofreire@ufpa.br

novos horizontes, além de possibilitar a ela aprovação e apreço tanto dos leitores populares quanto dos críticos literários (Freitas, 2011). Essa obra introduziu temas que se fariam recorrentes ao longo de toda a trajetória literária da autora portuguesa, incluindo solidão, isolamento, frustração, desencanto e incomunicabilidade.

Quanto às personagens das narrativas de Carvalho, estas são definidas por Simões como:

> Criaturas humanas combalidas e magoadas, feridas pela vida, tão delicadas e sensíveis que tudo as magoa, tudo as desilude, tudo as decepciona, eis as personagens de Maria Judite de Carvalho, eis a humanidade de seus livros, eis os seres, especialmente femininos, que ela anima e faz viver nas páginas de uma obra como outra ainda não havia na literatura portuguesa (Simões, 1981, p. 286 *apud* Silva, 2021, p. 24).

Assim sendo, as personagens juditianas, especialmente as femininas, são mulheres melancólicas, solitárias e angustiadas. E a protagonista de "Tanta gente, Mariana" (1959) pode ser considerada uma síntese de todas as personagens do universo juditiano, uma mulher solitária, melancólica, desprovida de qualquer alegria e à beira do suicídio.

Além das obras mencionadas, a autora publicou inúmeras outras, incluindo nove volumes de contos, uma novela, três volumes de crônicas. Após sua morte também foram publicadas uma coletânea de poemas e uma peça de teatro. A autora de *Paisagem sem barcos* (1963), *Os Idólatras* (1969) ou *Seta Despedida* (1995), foi inúmeras vezes premiada; entre as premiações recebidas, podem-se citar o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco (1995) e o Prêmio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1995). Criadora de uma extensa produção literária, Carvalho "foi reconhecida como contista, novelista, romancista e cronista, sendo considerada pela crítica como uma das maiores escritoras da literatura moderna portuguesa" (Freitas, 2011, p. 23).

Tendo apresentado brevemente a escritora, pretende-se apresentar o corpus de análise, isto é, a novela "Tanta gente, Mariana" (1959) pelos elementos essenciais da narrativa. Desta forma, ao familiarizar-se com a obra, os leitores poderão compreender melhor as questões relacionadas ao tema em discursão. Utiliza-se, para isso, os teóricos que tratam dos elementos formais do texto narrativo como Gancho (2002), Genette (1995), Reis e Lopes (1998) e Moisés (2006). Posteriormente, intenta-se discorrer sobre o conceito de solidão a partir das contribuições de autores como Rossi (2005), Pinheiro e Tamayo (1984) e Pais (2016). Por fim, objetiva-se refletir sobre a solidão presente na novela recorrendo a trechos da obra e a teóricos que discutem a referida categoria de análise. Posto isso, nos próximos parágrafos

desta seção, tem-se a apresentação da narrativa em estudo a partir de seus elementos essenciais: enredo, narrador, personagem, tempo e espaço.

"Tanta gente, Mariana" (1959) é caracterizada por um enredo principalmente psicológico. Conforme explicado por Gancho (2002), as narrativas psicológicas são aquelas na qual os fatos nem sempre são expressos com clareza, pois não se traduzem obrigatoriamente em ações concretas dos personagens, mas, sim, em movimentos internos, ou seja, são eventos emocionais que constituem esse tipo de enredo. Nesse sentido, a história começa com Mariana relembrando sua jornada ao consultório do Dr. Cardénio Santos: "Será verdade que fui ao médico? Terei saído de casa? Mas tudo aconteceu" (Carvalho, 2018, p. 13). Foi durante essa consulta que ela descobriu o inevitável desfecho que a aguardava: "Depois disse-me uma verdade pomposa, carregada de palavras difíceis, muito técnicas. Quando a desfolhei, encontrei-me de caras com a morte" (Carvalho, 2018, p. 16).

Enquanto Mariana conta sua história, se encontra recolhida em seu quarto, completamente indiferente ao tempo: "O tempo também parou. Os ponteiros do relógio continuam a andar, mas as horas são iguais. [...] não dou por elas" (Carvalho, 2018, p. 20). Então, imersa nesse cenário solitário, busca em sua memória lembranças de momentos vividos, começando pela infância marcada pela perda precoce da mãe e pelo amor do pai: "Só me recordo de que o pai me ouviu e se levantou. Sentou-se ao de leve na borda da minha cama, pôs-se a acariciar-me os cabelos, quis saber o que eu tinha" (Carvalho, 2018, p. 17). Adiante, recorda o casamento infeliz com o ex-marido António, que durante uma viagem do casal se envolveu com uma mulher chamada Estrela: "António foi dançar com a Estrela. Tinham as caras muito juntas e os corpos de ambos pareciam formar um só corpo. [...] Estava apaixonado pela Estrela, isso vira-o eu logo durante aquela noite de Paris" (Carvalho, 2018, p. 26 e 29).

Também traz à tona o sentimento que nutriu por Luís Gonzaga: "Mas era porque sofria, porque era infeliz, que me agarrei com força, quase com desespero, ao Luís Gonzaga. Ele tinha nos olhos a serenidade de que eu precisava" (Carvalho, 2018, p. 38). Embora ele também alimentasse algum sentimento por ela, não a quis, pois havia desde a infância sido designado à vida religiosa: "Aquele filho [...] fora logo de criança destinado a padre pela família" (Carvalho, 2018, p. 37). Mais adiante, recorda a agonia de perder o filho: "E o Fernandinho morreu para todo o sempre" (Carvalho, 2018, p. 47). Por fim, a narrativa termina com ela narrando a triste situação de ter que passar os últimos dias da sua vida sozinha em uma cama de hospital. Então, de forma melancólica, conclui: "É como se fôssemos ambas no meu enterro" (Carvalho, 2018, p. 57). Esta última citação, demonstra que, embora Mariana

estivesse viva, se sentia socialmente morta, visto que, apesar de algumas pessoas terem passado por sua vida, todas partiram rapidamente, deixando-a na mais terrível solidão.

A partir do que foi apresentado, é possível concluir que a obra em análise é constituída de uma trama psicológica por se concentrar principalmente em movimentos internos, isto é, no mundo interior, nas individualidades, nas emoções e nos pensamentos de Mariana.

Quanto ao narrador, Gancho (2002, p. 26) destaca que "não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história". Sendo assim, toda narração possui esse elemento central, que segundo Genette (1995), pode ser heterodiegético, homodiegético ou autodiegético, o que determina sua categoria é o fato dele participar ou não da narrativa, e caso participe, como essa participação é conduzida ao longo da trama. Na narrativa em análise, o narrador pode ser classificado como autodiegético, pois Mariana relata as suas próprias vivências como personagem central da trama. Os trechos abaixo exemplificam esse tipo de narração:

> Mas hoje são vinte de janeiro e daqui a três ou quatro meses começo a esperar a morte (Carvalho, 2018, p. 16).
>
> Passámos alguns anos difíceis. Os meus sogros não tinham concordado com o nosso casamento e faziam por nos ignorar, o que lhes era fácil porque viviam na província (Carvalho, 2018, p. 18).
>
> Ainda hoje me admiro de logo ter tido a certeza do que ia suceder entre o António e a Estrela. Qualquer coisa - eu sabia-o, soube-o logo havia de se estragar e ninguém faria um gesto, por mais pequeno que fosse, para evitar que isso acontecesse. Nem a Estrela, nem ele, nem eu (Carvalho, 2018, p. 28).

Desse modo, é Mariana quem decide o que compartilhar de sua vida, quais memórias irão compor sua narração, por deter todas as informações sobre o que aconteceu e o que acontecerá. Afinal, contar sua própria história possibilita a ela a capacidade de construir a narrativa de acordo com suas percepções, podendo decidir quais lembranças partilhar ou omitir do leitor.

No que se refere ao elemento personagem, Mariana, a partir de suas lembranças, apresenta seu pai, seu ex-marido António, sua amiga Lúcia, seu amigo Luís Gonzaga, além de mencionar rapidamente D. Gloria, Dr. Cadérnio, seu chefe, entre outros personagens. No entanto, interessa a esta pesquisa apresentar principalmente a protagonista. Diante disso, a análise dos personagens se concentrará exclusivamente nela.

Ao longo da história, Mariana revela uma personalidade introspectiva, que pode ser notada em vários momentos, como, por exemplo, no trecho a seguir em que ela relata se encontrar tão confusa a ponto de não se ver em si: "Eu, de facto, nunca soube <u>estar</u> [...]

Troquei tudo, baralhei todas as coisas a ponto de me não achar a mim própria" (Carvalho, 2018, p. 34, grifo do autor). Além disso, menciona que sua vida "é como um tronco a que foram secando todas as folhas e depois, um após outro, todos os ramos. Nem um ficou. E agora vai cair por falta de seiva" (Carvalho, 2018, p. 17). Esses trechos, assim como muitos outros, demonstram a angústia, a melancolia e o sentimento de falta que habitam em Mariana, pois, conforme descrito anteriormente, sua trajetória de vida não lhe promoveu muitas alegrias. Em síntese, os trechos citados mostram as reflexões que ocorrem no íntimo da personagem.

Os personagens, segundo Gancho (2002), são classificados de acordo com dois elementos principais: quanto ao papel que eles desempenham no enredo (protagonista, antagonista ou secundário) e quanto à caracterização (plano ou redondo). No caso da personagem em análise, ela desempenha o papel central na trama, e, portanto, é classificada como protagonista. Em relação à caracterização, existem diferenças entre personagens planos e redondos. Os personagens planos são "caracterizados com um número pequeno de atributos [...] de um modo geral são personagens pouco complexos [...] personagens redondos: são mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características" (Gancho, 2002, p. 16-18).

Diante do exposto, pode-se dizer que Mariana é uma personagem redonda, considerando que ao longo do enredo são apresentadas ao leitor suas características sociais e psicológicas. As características sociais referem-se à classe social, profissão, entre outros aspectos. Assim, a partir dos relatos da protagonista, fica-se sabendo da sua condição social:

> Eu fazia cópias à máquina e uma ou outra tradução que me aparecesse. Aquilo que ambos ganhávamos e os papéis de crédito - poucos - que o meu pai, muito prudente, me tinha deixado davam à justa para não morrermos de fome e irmos pagando as prestações da mobília (Carvalho, 2018, p. 19).
>
> [...] achei-me de novo sem ocupação, com muito pouco dinheiro e sem nada perto de mim a que pudesse agarrar-me (Carvalho, 2018, p. 49).

Através dessas informações, infere-se que a personagem em questão é uma mulher financeiramente instável, que, conforme relatado ao longo da trama, precisa trabalhar em ambientes muitas vezes desagradáveis para manter seu sustento. Já as características psicológicas referem-se à personalidade, e, como expresso anteriormente, Mariana é uma mulher extremamente introspectiva, melancólica e solitária.

Segundo Moisés (2006, p. 115) "o tempo da novela é o histórico, assinalado pelo relógio ou pelo calendário, ou pelas convenções sociais". No entanto, em "Tanta gente,

Mariana" (1959), a autora modifica essa lógica, apresentando uma narrativa acronológica, na qual o tempo não se desenvolve de forma linear. Nela, o tempo é psicológico, construído por meio das lembranças (flashbacks) da narradora-personagem, como é possível notar nos trechos a seguir:

> Cheguei há pouco e lembro-me muito vagamente de ter vindo. Com nitidez só consigo recordar-me do homem que ia sendo atropelado e também das mãos do chauffeur que me trouxe, brancas, largas, de dedos curtos e quase sem unhas a espaçarem-se no volante como estrelas que o mar tivesse esquecido na areia. [...]. Insultou mesmo o velho quando ele lhe parou em frente das rodas. Como eu. Há quanto tempo... (Carvalho, 2018, p. 13)

> Uma tarde ia eu a atravessar os Restauradores quando avistei a Estrela. Levava um tailleur amarelo, muito justo e, à distância, a sua cabeça ainda me pareceu mais pequena e mais preta. Sem dar por o que fazia, parei a olhá-la. Foi nessa altura que o automóvel passou e me bateu nas pernas. Caí ao chão e perdi os sentidos. Antes disso creio que gritei (Carvalho, 2018, p. 35).

Esses fragmentos são lembranças de Mariana e ao longo da narrativa ela vai revisitando diversas outras recordações, porém, elas não são apresentadas de modo linear. A narradora, por exemplo, inicia relatando um evento bem recente, sua ida ao consultório do Dr. Cadérnio, em seguida, relembra um passado longínquo, sua adolescência, depois um passado não tão distante, seu casamento, a separação e a perda do filho, e, no final, retoma ao primeiro evento narrado e conclui com um acontecimento no presente. Tem-se, então, uma obra não linear, em que se faz necessária muita atenção na leitura para conseguir compreender e formar uma sequência coerente de acontecimentos, já que o enredo mescla passado, presente e futuro. Nessa perspectiva, Carvalho desafia as expectativas tradicionais do gênero novela.

Quanto ao espaço, ele desempenha um papel significativo na narrativa, sendo definido por Gancho (2002, p. 23) como "o lugar onde se passa a ação numa narrativa". Na novela em estudo, diversos lugares são mencionados pela protagonista como é possível constatar nas citações a seguir:

> Durante seis anos vivemos numas águas-furtadas na rua das Pretas [...] A vida é uma coisa estranha. A mãe do António morreu um dia e fomos ambos a Gouveia assistir ao funeral (Carvalho, 2018, p. 19).

> Vivíamos então no primeiro andar da Avenida de Berna, que o pai do António fizera mobilar com requintado mau gosto [...] durante a nossa ausência (Carvalho, 2018, p. 29).

Com a leitura dos trechos, o leitor toma conhecimento de determinados locais onde se desenrolaram a vivência da personagem. Entretanto, é importante lembrar que esses lugares,

tal como os personagens, são apresentados exclusivamente por meio das recordações da personagem principal. Em razão disso, pode-se dizer que o principal espaço da narrativa é o quarto, na casa de D. Gloria, onde Mariana vive: “A vida neste quarto dura há cinco anos e é a única possível” (Carvalho, 2018, p. 34). Além disso, Gancho (2002) enfatiza que, assim como os personagens, o espaço também pode ser classificado de acordo com diferentes características, podendo ser fechado ou aberto, urbano ou rural. No caso do quarto, é possível descrevê-lo como um espaço urbano, pois ao longo da leitura descobre-se que Mariana vive em Lisboa. Ademais, são mencionadas algumas referências espaciais como o “Hospital de Santa Marta”, “Hotel Tivoli”, “cinemas”, “zoológico” confirmando o caráter urbano do espaço. Por fim, o quarto é um espaço fechado por se tratar de um cômodo específico.

Tendo apresentado a novela por meio dos elementos essências da narrativa, na seção seguinte, realiza-se uma abordagem interdisciplinar sobre a solidão, explorando-a a partir das perspectivas filosófica, psicológica e sociológica. Essa abordagem é necessária para possibilitar uma compreensão mais ampla da solidão presente na obra “Tanta gente, Mariana” (1959).

Sobre o conceito de solidão: entre esferas do conhecimento e alguns teóricos

A solidão não mede suas vítimas, atinge pessoas de diferentes idades, gênero, classe social, cultura e religião, ou seja, é um sentimento comum a toda a humanidade (mesmo que em medidas diferentes). A palavra solidão vem do latim *solitudine* e significa “estado do que se encontra ou vive só; isolamento” (Ferreira, 2004, p. 1870). Esse sentimento pode surgir em decorrência de uma falta, uma rejeição, uma traição, um abandono e pode ocasionar efeitos adversos como, por exemplo, o isolamento, a sensação de incapacidade, a tristeza, a angústia, a melancolia, “podendo chegar a desenvolver uma depressão” (Rossi, 2005, p. 27). Esses são apenas alguns exemplos do que pode ser considerado causa ou efeito da solidão.

Esse sentimento, segundo Domenico (1996 *apud* Rossi, 2005), não é um fenômeno recente e já vem sendo estudado desde os primeiros filósofos existencialistas. Esses estudiosos defendiam que a solidão é uma condição inevitável da existência humana, pois quando o homem obtém a consciência de que não há no universo outro indivíduo igual a ele, percebe que cada pessoa vive só neste mundo. Inclusive, Gomes (2001, p. 4) afirma que “o homem nasce só, sua dor e seu prazer, ele os tem no recôndito do ser. Gradualmente, vai sendo separado do produto do seu trabalho e, finalmente, morre só”. Em síntese, pode-se perceber que desde os filósofos existencialistas até as reflexões contemporâneas evidenciam a

solidão como um sentimento intrínseco à condição humana. Ademais, a solidão do ponto de vista filosófico, de acordo com Rossi (2005), pode ser expressa de três formas.

A primeira forma é a solidão como solitude, que é, basicamente, escolher ficar sozinho e ser feliz com essa decisão. Essa percepção permite que o indivíduo mantenha sua integridade. A segunda forma está relacionada às experiências de vida, ao sentimento de desamparo diante das diversas situações a que o indivíduo é exposto durante sua trajetória. Sendo que cada um reage a estas circunstâncias de formas distintas. A terceira forma é chamada pelos filósofos existencialistas de solidão neurótica, nela a pessoa se volta para o seu íntimo, por se sentir incapaz de compartilhar seus sentimentos com outras pessoas, é a visão da solidão como doença, ela resulta de experiências traumáticas vivenciadas anteriormente, seja no âmbito familiar, conjugal ou no círculo social onde está inserida. Diante do exposto, pode-se dizer que na visão existencialista, a solidão vai desde um sentimento saudável e agradável até uma situação patológica (Rossi, 2005).

Do ponto de vista psicológico, a solidão é caracterizada pela ausência emocional da companhia de outras pessoas e está diretamente relacionada à sensação de estar só. Ou seja, a outra pessoa pode até estar geograficamente próxima, mas sem intimidade e comunicação emocional (Moreira, Callou, 2006). Ademais, Pinheiro e Tamayo, estudiosos da psicologia social, no artigo “Conceituação e Definição de Solidão” (1984, p. 35), buscaram conceituar esse sentimento. Então, baseada na literatura consultada sobre esse fenômeno, os autores propuseram a seguinte definição para o termo: “solidão é uma reação emocional de insatisfação, decorrente da falta e/ou deficiência de relacionamentos significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento”.

Ainda na perspectiva psicológica, Montero y López Lena e Sánchez Sosa (2001 *apud* Rossi, 2005) classificam a solidão em três tipos: o primeiro é a solidão crônica, aquela que acompanha a pessoa há muitos anos, chegando a impedi-la de manter vínculos satisfatórios. O segundo tipo é a solidão situacional que está ligada a diversas situações da vida, como o luto, perdas, etc. O último tipo é a solidão de curto prazo, que se manifesta como um breve sentimento de solidão. Os autores consideram todas essas formas de solidão dolorosas, porém defendem que existe um tipo de solidão positiva, seja interna ou externa. A interna surge quando o indivíduo percebe que precisa se conhecer, se descobrir e se compreender melhor, enquanto que a solidão interna negativa está relacionada a uma alienação pessoal. A solidão externa positiva surge quando o indivíduo busca propositalmente uma experiência solitária visando reflexão, no entanto passa a ser negativa quando há isolamento.

No âmbito sociológico, o sociólogo Pais, em *Nos Rastos da Solidão* (2016), explica que se a sociologia tem alguma coisa a dizer sobre tal sentimento é porque, embora seja expresso individualmente, ele se reveste de profundas marcas sociais. A solidão reflete as dinâmicas sociais e culturais da sociedade e pode resultar de inúmeras possibilidades, incluindo a falta de conexão social, o isolamento físico e emocional. Além disso, pode ser causada ou intensificada por problemas estruturais como a urbanização e a migração, incluindo a exclusão do indivíduo da sociedade e também por inadaptação ou pela recusa em seguir determinados padrões socialmente estabelecidos. Desse modo, a Sociologia examina como esses fatores afetam as relações sociais e individuais e como a solidão pode ser tanto uma experiência pessoal como um reflexo das estruturas sociais.

Tendo apresentado a solidão a partir de diferentes abordagens, na próxima seção apresenta-se a análise desse tema através da obra em estudo.

A solidão em "Tanta gente, Mariana"

Mariana percebe a solidão desde muito cedo, na adolescência. É o pai quem confirma que ela está sozinha no mundo, apesar de haver pessoas ao seu redor:

> Estou só, pai. Não é mais nada. [...] – Também deste por isso. Há tanta gente que vive setenta e oitenta anos, até mais, sem nunca se dar conta. Tu aos quinze... todos estamos sozinhos, Mariana. Sozinhos e muita gente à nossa volta. Tanta gente, Mariana! E ninguém vai fazer nada por nós. Ninguém pode. Ninguém queria, se pudesse. Nem uma esperança (Carvalho, 2018, p. 17).

No trecho acima, o pai diz à filha que existem pessoas que vivem uma vida inteira sem perceber que a solidão existe, e ela aos quinze anos já tinha consciência desse sentimento. Isso acontece porque, como expresso anteriormente, a solidão atinge pessoas de todas as idades, desde a infância até a velhice.

Em relação à solidão na infância, a psicóloga Albenise Lima (1999) defende que, nesse período, esse sentimento pode começar a se manifestar no seio familiar, tendo como possíveis causas a falta de atenção, de cuidado ou a perda dos pais (por separação ou por morte). Inclusive, a estudiosa explica que "a sensação de abandono pode levar a um vazio emocional e a um sentimento de solidão" (Lima, 1999, p. 49). Diante disso, é importante mencionar que Mariana perdeu a mãe muito cedo, por volta dos três anos de idade, ou seja, ela cresceu sem o apoio da figura materna e, portanto, a sensação de perda e de abandono a acompanha desde a mais tenra idade:

> Como seria a minha mãe? Morreu tinha eu três anos e o pai chorava quando falava dela. Eu tinha um desejo imenso de saber como era essa mãe que não conheci mas não era capaz de lho perguntar. Às vezes levava horas a olhar para o retrato que estava em cima do toilette do pai. Olhava-o tanto que me parecia que as pálpebras se lhe moviam e a boca se punha a sorrir-me (Carvalho, 2018, p. 46).

Com base na citação, é possível perceber a angústia, a inquietude e o sofrimento da personagem diante da perda tão precoce, pois, uma relação harmoniosa com a mãe possibilita à criança um crescimento saudável. No entanto, rupturas repentinas nessa relação podem levar a criança a conflitos precoces de identidade e de valores e afetar sua receptividade a novos relacionamentos, além de desenvolver uma predisposição a distúrbios emocionais (Lima, 1999). Nesse contexto, a solidão na adolescência de Mariana pode ter sido uma reação emocional de insatisfação resultante da ausência da mãe.

Retomando ao tema da adolescência da protagonista, o único episódio narrado desse período, é a conversa com o pai na qual ela lamenta seu estado solitário. No entanto, posteriormente na narrativa, ela descreve que nessa fase ainda alimentava esperanças que o pai estivesse enganado e que um dia deixaria de sentir-se sozinha:

> Não o acreditei porque era uma rapariguinha e esperava muitas coisas da vida. Tantas que já nem me lembro quais elas eram. Sentia-me só mas sabia que não seria sempre assim. Tinha a certeza disso. Quando alguns anos depois saí do colégio para a vida livre e encontrei o António, pensei que o pai afinal não sabia nada (Carvalho, 2018, p. 18).

Na adolescência, Mariana, mesmo que modestamente, nutria esperanças de viver uma vida feliz. No entanto, ao chegar à fase adulta percebe que ninguém podia livrá-la da terrível solidão, nem mesmo o pai, António, Luís Gonzaga, Lúcia, ninguém. Então, ela compreende que, embora rodeada de pessoas, encontra-se sozinha no mundo: “Para onde quer que me volte só dou comigo mesma” (Carvalho, 2018, p. 20). Afinal, de acordo com a filosofia existencialista o ser humano só tem a si próprio.

Como evidenciado na seção anterior, é necessário desvencilhar a solidão da ideia de estar só, pois alguém pode estar só e sentir-se bem diante de tal cenário. Esta é a solidão nomeada por Rossi (2005) de solitude, que resumidamente, é escolher ficar sozinho e sentir-se realizado com essa escolha. Por outro lado, o indivíduo pode estar rodeado de pessoas e sentir-se solitário, pois embora geograficamente próximo de outras pessoas, não há intimidade e comunicação emocional. E Mariana está imersa nesse segundo tipo de solidão como é possível constatar no trecho a seguir: “Eles falavam e de repente eu estava só, tão só que

voltei a ter, como havia muitos anos, vontade de chorar. Mas agora não tinha ninguém que me passasse a mão pelos cabelos" (Carvalho, 2018, p. 26). Ou seja, mesmo em companhia do marido e de outras pessoas, ela sente-se emocionalmente sozinha. Então, nesse momento, a protagonista rememora o pai, uma das únicas pessoas que percebeu suas aflições, seus sentimentos.

Desse modo, a solidão é o sentimento que melhor caracteriza a existência de diversos personagens do universo juditiano. É uma solidão que surge da incomunicabilidade, do silêncio, como bem destacou Besse: "É um silêncio esmagador e destruidor que se associa à solidão radical e avassaladora da maioria das personagens" (Besse, 2012, p. 46, *apud* Silva, 2019, p. 134). E o silêncio é tão opressivo e envolvente na vida de Mariana que a impede de buscar qualquer meio de felicidade, restando a ela apenas a solidão. E diante desse cenário solitário questiona-se: "Quem a não ser eu, perderia tempo a ouvir-me? Quem, se a minha vida ficou vazia de todos? Do António, do Luís, da Lúcia, minha amiga de sempre e para sempre... Para sempre..." (Carvalho, 2018, p. 32). Ela, portanto, sente-se completamente sozinha, abandonada e lançada ao silêncio esmagador.

O silêncio permeia os relacionamentos de Mariana, incluindo seu casamento, que é caracterizado principalmente pela falta de diálogo. No trecho a seguir, ela relata que, ao que tudo indica, o marido prefere distrair-se com qualquer atividade a manter um diálogo com ela: "O dia estava bonito e fomos dar um passeio. O António, já não sei porquê, talvez unicamente para não falar, para preencher umas horas que era preciso ocupar com qualquer coisa, resolveu tirar fotografias" (Carvalho, 2018, p. 31). Entretanto, há um momento em que ele deseja falar, mas a incomunicabilidade é tanta que mesmo quando tenta confessar sua relação extraconjugal, ele falha: "Ouve, Mariana... Há muito tempo que te queria dizer... que te queria explicar... Mas é difícil, Mariana. Nunca pensei que fosse tão difícil. Olho para ti e não posso... Talvez seja melhor assim... É melhor com certeza..." (Carvalho, 2018, p. 32). Diante da falta de coragem de seu cônjuge, ela intervém, dizendo que sabia o que ele estava tentado dizer: "Eu sei do que se trata." (Carvalho, 2018, p. 32) e resignada conclui: "Sabes, António, estou de acordo com tudo o que tu queiras" (Carvalho, 2018, p. 32). E assim, o seu casamento chega ao fim.

Após a separação, Mariana conhece Luís Gonzaga, por quem se deixa envolver na esperança de amenizar sua solidão: "A sua voz calma e também o seu olhar, que pousava nas pessoas e depois se demorava nelas como que esquecido, traziam em si um bem-estar que eu nunca havia encontrado e que nunca mais voltei a sentir em ninguém" (Carvalho, 2018, p.

39). Embora, se sentisse confortada por Luís, ele não pôde permanecer ao seu lado, pois havia decidido seguir a vida religiosa:

> Nunca mais me tinha falado, nem a ninguém, da hipótese de ir para padre, mas eu sabia pelos seus silêncios, pelas frases começadas e abandonadas a meio, sempre que o assunto podia ter uma ligação, ainda que longinqua, com a igreja ou com o seminário, mesmo com a própria religião católica, que essa ideia nele era constante. [...] e depois uma noite ele telefonou-me. Que queria falar comigo, que era urgente. Fui achá-lo na manhã seguinte com o ar cansado, os traços vincados de quem levara a noite em claro. Tinha-se resolvido afinal (Carvalho, 2018, p. 39 e 41).

Apesar das circunstâncias, Mariana não esboçou nenhuma reação diante da notícia, apenas pensou: "Ao princípio sentira-me triste, desconsolada, mas agora começava a experimentar uma estranha sensação de liberdade, quase perturbadora naquele momento" (Carvalho, 2018, p. 42). Sem compreender o que se passava com ela, Luís diz: "Estás a sofrer, Mariana [...] chora, se te apetece" (Carvalho, 2018, p. 42). Essa atitude vaidosa de Luís causa certa aversão na protagonista: "A vaidade dos homens! Como havia eu de chorar, por que havia eu de chorar se tinha comigo o meu filho? Porque se ia embora julgava ele... A vaidade dos homens, a incrível e ridícula vaidade dos homens..." (Carvalho, 2018, p. 42). Diante da situação, ela vê-se imersa em reflexões sobre sua condição: "Achei-me a dizer a mim própria, em silêncio, frases como «abandonada com um filho nos braços» e «que terrível situação a minha» e ainda «aonde vou arranjar dinheiro para o parto?»" (Carvalho, 2018, p. 42). No entanto, embora preocupada, pela primeira vez em muito tempo, ela não se sentia sozinha: "Também não me sentia só, porque tinha o meu filho comigo, um filho só meu." (Carvalho, 2018, p. 41). É esse filho que a tira momentaneamente da solidão. No entanto, a felicidade de Mariana se esvai rapidamente:

> Uma tarde ia eu a atravessar os Restauradores quando avistei a Estrela. [...] Sem dar por o que fazia, parei a olhá-la. Foi nessa altura que o automóvel passou e me bateu nas pernas. Caí ao chão e perdi os sentidos. [...] Foi assim que o meu filho não nasceu e que não pude ter filhos, nunca mais (Carvalho, 2018, p. 35).

Pode-se dizer, portanto, que a referida personagem tem uma história de vida que não lhe possibilita grandes alegrias. Primeiro perde a mãe, depois o pai, anos depois é traída e abandonada pelo marido. Além disso, não teve seus sentimentos correspondidos por Luís, e por fim perdeu o filho ainda em seu ventre. E como se todos esses acontecimentos não fossem suficientes, recebe a notícia que lhe restam apenas alguns meses de vida. Um a um, esses acontecimentos reduzem suas esperanças em dias melhores, enquanto sua solidão aumenta: "Sinto-me só, mas do que nunca, ainda que sempre o tivesse estado" (Carvalho, 2018, p. 16).

É necessário ressaltar que há na narrativa um episódio em que Mariana lamenta as palavras não ditas, que sofre por ter escolhido permanecer em silêncio. Afinal, essa postura garantiu a felicidade dos outros e arruinou a sua: “Fui eu e o meu silêncio quem lhes deu toda essa ventura. Uma palavra teria bastado, um grito, uma lágrima, mas eu não pude tirar de mim nenhuma dessas coisas. Agora é tarde, porque vou morrer. Seria tarde mesmo que a morte não viesse a caminho” (Carvalho, 2018, p. 22). Então, ciente do seu infortúnio, admite-lhe as razões:

> Eu fiz sempre cerimónia e não procedi por isso como devia, como procediam as outras pessoas, mesmo as mais broncas e as mais rudes, com à-vontade. Falei alto quando as regras mais elementares mandavam falar baixo, calei-me quando devia absolutamente dizer qualquer coisa, não soube estar. [...] Escolhi sempre mal as ocasiões para falar e para ficar calada (Carvalho, 2018, p. 34).

Nesse trecho, a protagonista estabelece uma conexão entre sua maneira de viver e sua desventura, e se culpa principalmente por não ter identificado o momento adequado de utilizar a palavra.

Considerando que Mariana sente-se sozinha desde muito cedo e que essa solidão resulta de experiências vivenciadas no âmbito familiar, conjugal e no círculo social a qual ela pertence, pode-se dizer que a solidão que permeia a vida da protagonista é relacionada às experiências da vida (Rossi, 2005), mas, sobretudo, pode ser classificada como uma “solidão crônica” (Montero y López Lena e Sánchez Sosa, 2001 *apud* Rossi, 2005), considerando que esse sentimento acompanha a personagem há muito tempo. Já para Rossi (2005), esta solidão pode ser classificada como “neurótica”, já que Mariana volta-se para o seu íntimo por se sentir incapaz de compartilhar seus sentimentos com outras pessoas.

Apesar de a solidão acompanhar a protagonista desde a adolescência, o que lhe aconteceu na vida adulta, certamente intensificou ainda mais seu estado solitário. Desse modo, é possível constatar que o contexto social exerceu papel importante no desenvolvimento psicológico da personagem e contribuiu de modo significativo para reafirmar a sua condição solitária. Ou seja, a solidão a qual a protagonista vive imersa resulta das suas experiências pessoais, mas também é reflexo das estruturas sociais. Sendo assim, faz-se necessário conhecer o contexto histórico da obra, para que assim seja possível compreender a relação entre a solidão vivenciada pela personagem principal e a sociedade da época.

“Tanta gente, Mariana” (1959), é ambientada em Portugal do século XX, mas, especificamente, durante o Estado Novo (1933-1974), momento histórico marcado pela imposição de padrões excessivamente rígidos, principalmente no que se refere à mulher. No

artigo “O Salazarismo e as Mulheres: uma abordagem comparativa” (1997), os autores Cova e Pinto descrevem como a mulher era vista pelo governo ditatorial:

> O Salazarismo permaneceu profundamente enraizado na ideia tradicional de que as mulheres se situam do lado da «natureza» e os homens, implicitamente, do lado da cultura. Desta forma, o Estado Novo manteve-se fiel às mensagens inalteravelmente repetidas, com um intervalo de quarenta anos, pela Igreja Católica, nas encíclicas *Rerum Novarum* (1891) e *Quadragesimo anno* (1931), em que a «natureza» predispôs as mulheres a ficarem em casa a fim de educarem os seus filhos e de se consagrarem às tarefas domésticas. Partindo da constatação de que o homem e a mulher não possuem a mesma força física, *Rerum Novarum* enunciava: «Existem trabalhos menos adaptados à mulher, que a natureza destina antes aos trabalhos domésticos». Mensagem semelhante na *Quadragesimo anno*: «É em casa antes de mais, ou nas dependências da casa, e entre as ocupações domésticas, que se encontra o trabalho das mães de família». A mulher foi concebida para ser mãe, foi a «natureza» que assim decidiu. O Salazarismo acrescentou que deve ser uma mãe devota à pátria e ocupar-se do «governo doméstico» (Cova; Pinto, 1997, p. 72).

Mariana, portanto, vive em uma sociedade extremamente conservadora e opressora, onde o papel da mulher resume-se em ser esposa e mãe, o que a deixa frustrada tendo em vista o seu matrimônio malsucedido e a perda da criança em seu ventre. Ainda nessa perspectiva, em certo momento da narrativa, ela depara-se com o estereótipo da “boa dona de casa”, da “mulher ideal”:

> D. Glória considera-se uma boa dona de casa. A mãe da Lúcia também dizia às vezes: “Sou uma boa dona de casa e o marido que levar a minha filha também não vai mal. A Lúcia sabe fazer tudo. É muito importante para uma mulher. Os homens gostam de ter a casa arrumada, a roupa arranjada, as refeições a horas. Fui sempre uma escrava da casa” (Carvalho, 2018, p. 46).

A maior parte das mulheres da novela seguem os padrões ditados por uma organização social patriarcal. Segundo Lerner (2019, p. 322), o patriarcado é “a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral”. Nessa perspectiva social, o lugar ideal da mulher era no seio da família, sendo a guardiã do lar. Desse modo, a maioria das mulheres retratadas tinham suas vidas limitadas à função de cuidar do lar, do marido e dos filhos. Mariana, entretanto, é levada por diferentes situações a renunciar ao casamento e ao desejo de ser mãe. Assim, pode-se dizer que as normas sociais não permitem que ela viva plenamente como mulher, pois, para isso, seria necessário que tivesse liberdade e as condições necessárias para viver. Essa narrativa, portanto, mostra que à protagonista são negadas todas as oportunidades de independência e de permanência em um

cenário fortemente patriarcal e preconceituoso. Inclusive, ela demonstra revolta diante de tais normas sociais e manifesta sua versão contra as “boas donas de casa”:

> Detesto as boas donas de casa. Se são pobres, esfalfam-se a trabalhar, se são remediadas ou ricas arranjam uma ou mais pessoas para se esfalfarem em seu lugar. De qualquer dos modos são escravas do trabalho ou então da vigilância com outras escravas às suas ordens. A vida a correr lá fora, os maridos e os filhos a correrem com a vida, metidos nela, e as donas de casa a esfregar, a limpar, a dar brilho aos metais. Ou a ver as outras a fazê-lo. Olhe que o pó não está bem limpo. Olhe que a torneira não está bem areada (Carvalho, 2018, p. 47).

Mariana apresenta características próprias de um período de transformação no comportamento feminino. Embora carregue particularidades características da mulher padrão daquele período, que viam o casamento e os filhos como fonte de autorrealização, ela se distancia do modelo padronizado em vários outros pontos. Por exemplo, apresenta reflexões críticas relacionadas ao estereótipo da dona de casa e também a condição solitária dessas mulheres:

> O que a vida já correu e elas sem a verem. Sem darem por nada. Ficaram sozinhas e não se dão conta. O marido morreu sem nunca ali ter estado, os filhos fugiram para se casar com outras donas de casa que estavam escondidas dentro de raparigas bonitas, alegres e apaixonadas (Carvalho, 2018, p. 47).

Assim sendo, na ditadura de Salazar, a mulher era destinada ao lar, para ser a mãe amorosa e a esposa dedicada, desde muito cedo ela foi ensinada a ser assim.

Um trecho da novela que evidencia a opressão desse ambiente é quando Lúcia, aquela que Mariana entendia como sua melhor amiga, a abandona, ao saber de sua gravidez: “Certa manhã, li no jornal a notícia do casamento da Lúcia. Vinha nos «Ecos da Sociedade». Não podia querer mal à Lúcia, coitada. Como havia ela de me apresentar à nova família?” (Carvalho, 2018, p. 45). Evidentemente isso acontece, porque no contexto social na qual a obra está inserida, uma jovem que pretendesse conseguir um bom casamento não poderia permitir entre suas amizades uma mulher separada e grávida. Considerando que a condição de Mariana era vista como escandalosa e uma enorme falta contra a moral e os bons costumes da época. E, portanto, preservar essa amizade seria considerado uma afronta às normas sociais impostas pela sociedade daquele período e “uma senhora deve saber conservar o seu bom nome” (Carvalho, 2018, p. 52).

Outro elemento importante que contribui para o infortúnio da protagonista é sua relação com o trabalho. Mariana em nenhum momento lamenta por ter que trabalhar, embora quase sempre, em condições bem desvantajosas. Ao invés disso, ela busca trabalho com muita

naturalidade, tendo em vista que era algo necessário para a sua sobrevivência. No entanto, em meio à procura de um emprego, a personagem reflete: “Ali estava uma ocupação que me agradava cuja possibilidade nunca tinha me ocorrido. Muitas vezes pensara que gostaria de ser enfermeira ou professora primária, mas não estava habilitada para uma nem para outra dessas profissões” (Carvalho, 2018, p. 51). Com a leitura da obra, percebe-se que quase todas as suas experiências profissionais lhe causam descontentamento, isso porque o trabalho da mulher durante o Salazarismo “era acompanhado da falta de legislação protetora, seja para mulheres grávidas, seja para trabalho noturno, e salário inferior ao do homem pelo mesmo trabalho desenvolvido” (Lamas, 1995, p. 94 *apud* Saragiotto, 2020, p. 28). Ou seja, no contexto histórico mencionado, as mulheres enfrentavam uma significativa falta de direitos trabalhistas, isso incluía serem submetidas a condições precárias de trabalho, não terem acesso a algumas profissões e receberem salários mais baixos.

Além disso, esse período foi marcado pelo discurso que o ambiente de trabalho não era destinado à mulher; a ela era reservado “a casa, o lar, o espaço familiar eram o ambiente natural da mulher. [...] a sua missão consistia em ocupar-se do lar e de ser a sua guardiã” (Cova; Pinto, 1997, p. 73). No entanto, apesar dessas declarações, as mulheres continuavam cada vez mais ingressando no mercado de trabalho, espaço esse extremamente patriarcal. Na obra em discussão, esse ambiente machista e opressor é revelado no episódio em que Mariana é demitida de seu emprego de datilógrafa por se encontrar separada e grávida: “O senhor Bruno encarregou-me de lhe pedir que deixasse a casa sem mais escândalo, porque este já basta. Ele recomendou-me duas vezes que lhe dissesse isso... sem mais escândalo, que este já basta” (Carvalho, 2018, p. 45). O pedido do patrão, procurando escapar de escândalos, evidencia a opressão e o machismo existente no ambiente retratado.

Ao final da obra, a protagonista encontra-se sem casa, sem emprego, sem dinheiro, sem marido, sem filho, sem amigos, e, sobretudo, sem esperança. Diante disso, a única coisa que lhes resta é resignar-se diante da morte. No entanto, não é possível concluir se Mariana morre ou não, o que a narrativa relata é a ideia permanente da solidão, da melancolia, da falta de esperança, da angústia e da vontade constante de deixar de existir.

Considerações Finais

Este artigo propôs-se analisar a solidão que acompanha a personagem protagonista de “Tanta gente, Mariana” (1959), de modo a ressaltar quais possíveis motivos a levaram ao estado de intensa solidão. Para tanto, no primeiro momento deste trabalho, foi necessário que

se conhecesse a obra em questão, de forma a entender o enredo, os espaços e personagens que a envolvem e que dialogam com a protagonista. Em seguida, apresentou-se a solidão a partir de uma abordagem interdisciplinar a fim de melhor compreender o que é esse sentimento.

Através dos elementos essenciais da narrativa conheceu-se a história de Mariana, uma trajetória marcada por tragédias e desafios. Ao longo da obra, ela relata a perda precoce dos pais, o casamento infeliz ao lado de António, marcado pela traição e o consequente divórcio, a perda do filho, o abandono de Luís Gonzaga e o diagnóstico de morte iminente. Além disso, também evidencia os preconceitos vivenciados por ser uma mulher separada e grávida em Portugal do século XX. Cada um desses infortúnios aprofundou o sentimento de solidão que a consome.

Além disso, o sentimento de isolamento que acompanha Mariana tanto resulta de experiências pessoais como também é reflexo das estruturas sociais. E conforme apresentado anteriormente, para a filosofia e a psicologia a solidão vai desde um sentimento saudável até uma situação patológica. No caso da protagonista, ela está imersa na forma nociva, que a psicologia chama de "solidão crônica" e a filosofia de "solidão neurótica". Assim sendo, a personagem vivencia essa condição no aspecto negativo, que provoca o isolamento social e, consequentemente, o sofrimento.

Maria Judite de Carvalho através da novela "Tanta gente, Mariana" (1959), convida o leitor a refletir sobre a solidão, suas causas e consequências. E embora a obra retrate o século XX, sabe-se que solidão é uma constante ao longo da história da humanidade e tem se tornado cada vez mais crescente. Inclusive, Rossi (2005, p. 13) aponta que a solidão "tem sido um resultante da modernidade, que trouxe trabalho em excesso, casamentos menos duradouros, menor número de filhos, aumento das separações, independência feminina e outros fatores típicos destes últimos tempos". Com todos os avanços da contemporaneidade, têm-se indivíduos socialmente mais solitários e mais "fechados" em seus universos particulares.

Diante desse cenário, torna-se cada vez mais necessária a reflexão crítica sobre esse tema. Nessa perspectiva, a obra analisada contribui com a referida discussão uma vez que em seu âmago traz considerações pertinentes acerca da solidão.

Referências

CARVALHO, M. J. de. **Obras completas de Maria Judite de Carvalho - Tanta gente, Mariana – As palavras poupadas**. Lisboa: Minotauro, 2018.

COVA, A.; PINTO, A. C. O Salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. **Penélope**, n. 17, p. 71-94, 1997.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FREITAS, O. R. **A Melancolia nas crônicas de Maria Judite de Carvalho**. 2011. 223 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GENETTE, G. R. **Discurso da narrativa**. 3. ed. Tradução: Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.

GOMES, A. M. de A. Solidão: uma abordagem interdisciplinar pela ótica da teologia bíblica reformada. **Fides Reformata**, v. 6, n. 1, 2001.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, A. de O. O papel da família no ajustamento social e psicológico da criança. **Revista Symposium**, Recife, v. 3, n. Especial, p. 48-50, dez. 1999.

MOISÉS, M. **A criação literária**: prosa I. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOREIRA, V.; CALLOU, V. Fenomenologia da solidão na depressão. **Mental**, Barbacena, v. 4, n. 7, p. 67-
83, nov. 2006.

PAIS, J. M. **Nos rastos da solidão:** deambulações sociológicas. 3. ed. Berlin: GD Publishing Ltd. & Co KG, 2016.

PINHEIRO, A. de A. A. TAMAYO, A. Conceituação e definição de Solidão. **Rev. de Psicologia**, Fortaleza, p. 29-37, jan./jun. 1984.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.

ROSSI, F. C. L. **Clínica psicanalítica:** o sentimento de solidão e a saúde mental de mulheres casadas. 2005. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

SARAGIOTTO, M. F. dos S. **Maria Lamas e as mulheres do seu país:** construção de narrativas através de olhar de mulher, jornalista e intelectual. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em História e Património) – Universidade do Porto, Porto, 2020.

SILVA, S. R. da. Tanta gente, Mariana e o desassossego de Maria Judite de Carvalho. **Boletín Galego de Literatura**, n. 58, p. 23-27, jan./jun. 2021.

Loneliness in the novel "So many people, Mariana", by Maria Judite de Carvalho

Abstract: Loneliness is a human experience that makes no distinction between its victims, affecting many people of different ages, and at different times and places. As a result, it has been continuously explored in literary production. Therefore, this work aims to analyze this theme in the novel "So Many People, Mariana" (Tanta gente, Mariana) (1959), by Maria Judite de Carvalho. The methodology is based on bibliographic research, with an analytical character of the work, in a critical-reflective manner. It is based on the theoretical framework of Freitas (2011), Gancho (2002), Pinheiro and Tamayo (1984), Cova and Pinto (1997), among others. The results demonstrated, through excerpts from the literary work, the feeling of isolation accompanying the protagonist Mariana, and it reflects on the causes that led her to this extreme loneliness.

Keywords: Literary Analysis; Portuguese Literature; 20th Century.